



**Formação da identidade camponesa com educadores (as) e jovens do CED
PAD-DF: diálogos sobre agroecologia e transformação da escola no/do campo**
*Formation of peasant identity with educators and students at CED PAD-DF:
dialogues about agroecology and transformation of the peasant education school*

LOURENÇO, Vanilson José¹; QUEIROZ, Vanessa de Jesus²; SOUZA, Cleide Maria³
Universidade de Brasília, vanilsonjoselourenco@yahoo.com.br¹; Universidade de Brasília,
vanessa_djq@hotmail.com²; Universidade de Brasília, cleide.educa.fsa@gmail.com³

RELATO DE EXPERIÊNCIA TÉCNICA

Eixo Temático: Educação em Agroecologia

Resumo: Nesta proposta analisamos as correlações entre transformação da forma escolar, identidade camponesa e funções sociais da Educação do Campo a partir de ações desenvolvidas no Centro Educacional do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (CED PAD-DF). Com foco nas categorias de Agroecologia e Auto-organização, defendemos que as conexões entre saberes escolares e saberes cotidianos devem ser prerrogativa social e pedagógica indispensáveis para concretização de mudanças identificadas como necessárias. Ademais, sublinhamos a importância de que os (as) estudantes sejam incentivados (as) a munirem-se de vocabulário teórico respaldado em repertório prático para alcançarem maior autonomia em seus processos educativos. Nesse sentido, o Inventário Social, Histórico e Cultural da escola e, de igual forma, a preconização da formação continuada de educadores(as) e gestores (as,) ascende como caminho a ser trilhado com veemência.

Palavras-Chave: inventário histórico, social e cultural; educação do campo; auto-organização; escola da terra.

Contextualização

Quando pensamos em Educação do Campo, o sentimento que temos é a necessidade de transformar a escola existente, pois os modelos adotados pelas escolas rurais quase sempre seguem o padrão estabelecido por um sistema no qual as abordagens e a forma de organização são engessadas e carentes de conexão com a realidade dos (das) estudantes. Arroyo, Caldart e Molina (2011) afirmam que, contrapondo essa lógica, a referida modalidade educacional visa como finalidade a ação educativa que possa ajudar no desenvolvimento mais pleno do ser humano e na inserção crítica na dinâmica da sociedade.

Nesse sentido, para transformar é necessário conhecer a realidade, ou seja, mapear quais são as questões importantes a serem ligadas ao conteúdo. A transformação da forma escolar é prática e não se resolve somente pela teoria, uma vez que implica em compreensão do que fazer e de como fazer (CALDART, 2004). Dessa forma o conteúdo da escola deve ser preliminarmente o conteúdo da vida, do meio natural e social, sistematizado na forma de conceitos, categorias e procedimentos estabelecidos pela ciência (FREITAS, 2010).



Diante dessa questão, nos deparamos com um grande desafio, que se refere a como construir e manter a conexão entre a vida dentro e fora da escola. Nesse sentido, o Inventário Social, Histórico e Cultural (CED PAD-DF, 2019-2023) ascende como ferramenta fundamental para conhecer a realidade, a atualidade das comunidades e o modo de vida dos (das) estudantes. Esse documento institucional e social permite identificar as formas de trabalho realizadas na vida cotidiana e, assim, alinhar o planejamento pedagógico a elas.

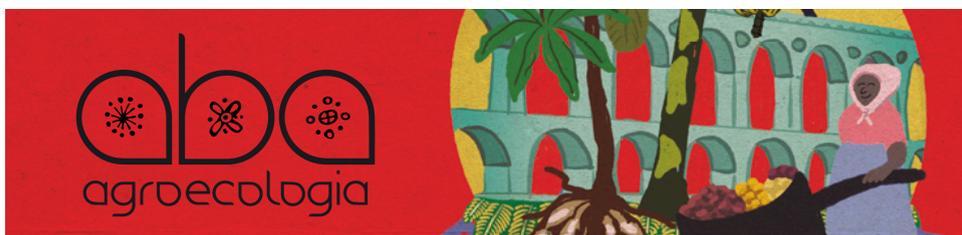
O trabalho com Inventário tem sido assumido como estratégia para ligar a escola com o seu entorno e trazer questões sociais, históricas e ambientais para dentro do processo educativo - tarefa que a escola aqui apresentada, o Centro Educacional do Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal (CED PAD-DF), tem se desafiado a fazer. Trata-se de uma Unidade Escolar que está sob administração da Coordenação Regional de Ensino do Paranoá - DF e localiza-se em área de intensa atividade agrícola. Atende estudantes do Ensino Fundamental II, Ensino Médio e EJA, oriundos (as) de mais de 20 comunidades, portanto provindos (as) das mais diversas realidades. De acordo com dados inventariais, embora o PAD-DF conte com significativa expressão da Agricultura Familiar, a atividade predominante é o Agronegócio.

Nesta proposta, compartilhamos experiência constituída a partir de um processo de formação continuada, pela articulação de aspectos teóricos e metodológicos desenvolvidos por diferentes sujeitos com desdobramentos no chão da escola e na comunidade. Para tal, contamos com relatos de observação ativa de três sujeitos: um professor de Geografia da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF), mestrando em Educação do Campo pela Universidade de Brasília, participante do curso de formação continuada e especialização em Educação do Campo do Programa Escola da Terra (1ª e 2ª edições); uma professora pedagoga da SEEDF, doutoranda em Educação do Campo pela Universidade de Brasília e assessora pedagógica do Programa Escola da Terra; uma professora de História da SEEDF, pedagoga e doutoranda em História Social.

Descrição da Experiência

A formação continuada do Escola da Terra é uma ação desenvolvida na parceria entre Universidade de Brasília (UnB), Ministério da Educação (MEC) e a Secretaria de Educação do Estado do Distrito Federal (SEEDF). Na sua 1ª edição (2017-2018) essa formação foi força motriz para realização da primeira versão do Inventário Social, Histórico e Cultural do CED PAD-DF. A cada etapa das formações ocorridas (Formação Continuada 2º edição e Especialização em Educação do Campo) entre 2021 e 2022, o desafio era avançar na elaboração do Inventário da Realidade. A primeira versão consolidada pelo coletivo escolar possui uma base histórica contada por mulheres que fizeram parte do processo de implantação do Programa de Assentamento Dirigido do DF ou que viviam muito antes naquele território.

Na formação de educadores (as) da Educação Básica do Campo do Distrito Federal acrescentamos ao debate a *práxis* de uma das assessoras pedagógicas que



acompanhou a 2ª Edição do Programa Escola da Terra, quando foi ofertada a proposta de formação continuada e de Especialização aos educadores (as), cujas atividades foram realizadas no formato remoto em função da pandemia de COVID-19.

O processo formativo do Programa Escola da Terra, construído em diálogo com os (as) educadores (as) das Escolas do Campo do Distrito Federal vai ao encontro de aproximar universidade e Educação Básica. A experiência, embora desenvolvida em um contexto desafiador, abriu possibilidades de diálogo e reflexões sobre a *práxis* pedagógica, especialmente no que concerne a relação entre a escola e seu território, bem como ao reconhecimento da identidade dos sujeitos neles inseridos.

Desde 2018 a Educação Básica do Campo no Distrito Federal tem suas diretrizes pedagógicas instituídas por meio da Portaria n.419/2018-SEEDF. Este, que foi um instrumento elaborado em conformidade com as demandas dos Movimentos Sociais e Sindicais discutidas pelo Fórum Permanente de Educação do Campo do Distrito Federal (FECAMPO), contemplou marcos normativos nacionais e distritais como Plano Distrital de Educação (PDE) em sua Meta 8 (DISTRITO FEDERAL, 2019). Mesmo assim, na prática ainda é um grande desafio alcançar a identidade de Escola do Campo. Há um notável esforço feito por diversos (as) educadores (as) para avançar. Contudo, os limites estão em relação direta com a formação continuada associada ao reconhecimento concreto do território e da identidade camponesa dos sujeitos.

A experiência iniciada no curso de formação continuada e consolidada na *práxis* de educadores (as) que participaram da Especialização contribuiu para realização de ações transformadoras com foco na categoria de Auto-Organização dos estudantes (PISTRAK, 2018). Por meio do processo formativo dos (as) educadores (as) houve oportunidade de conhecer teorias, metodologias e marcos normativos fundamentais, a exemplo da diferença entre Educação Rural e Educação do Campo, das categorias da Pedagogia Socialista (*Trabalho como Princípio Educativo, Atualidade, Auto-organização*), das matrizes formativas estabelecidas nas diretrizes da Educação do Campo do DF, além de outros pontos fundamentais para reelaboração da Proposta Político-Pedagógica do Escola do Campo, orientando para transformar a forma escolar.

A partir do empenho do educador, à época em formação no Programa Escola da Terra, foi possível alcançar um coletivo de estudantes e educadores (as) do Ensino Fundamental Anos Finais. A seguir será apresentada a *práxis* de uma educadora do CED PAD-DF, que demonstra a compreensão do que ensina Caldart (2004), sobre ser a Educação do Campo construída em diálogo com a vida dos sujeitos do campo e não somente no campo. A ação foi resultado da movimentação promovida pelo Programa Escola da Terra (2021/2022). No decorrer da dinâmica, percebemos que os (as) estudantes não tinham compreensão acerca do que era Agroecologia e nem sobre a diferença entre Educação do Campo e Educação Rural. Essas duas dúvidas destacaram-se como fundamentais para aprofundar o debate sobre a temática, bem



como discutir o conceito de identidade enquanto sujeito camponês que estuda numa Escola no Campo, buscando superar a crise promovida pelo distanciamento social. A ação intitulada “Práticas Agroecológicas na Escola” foi coletivamente planejada a partir de orientações advindas de participantes cursistas do supracitado Programa em diálogo com educadores (as) que atuavam no chão do CED PAD-DF, mas que careciam de formação em Educação do Campo. Sua etapa inicial desenvolveu-se entre abril e junho de 2022.

Dadas as vicissitudes inerentes ao calendário escolar regular, cuja essência temporal e curricular prioriza as dinâmicas próprias a escolas e vivências do meio urbano, a ação ocorreu em concomitância com o progresso do conteúdo regular nas demais disciplinas. A intencionalidade dos (das) docentes de sextos e nonos anos, regentes das disciplinas de Ciências, Geografia, História e Matemática, era compreender e mapear como a Agroecologia aparecia na vida dos (das) estudantes do CED PAD-DF. Ademais, como estes (as) compreendiam este conceito na vida escolar e social. A título de ilustração para estudo de caso, a seguir relataremos o progresso da ação nas aulas de História e Parte Diversificada III, ministradas pela mesma educadora, com a turma 9º C.

Após uma série de rodas de conversa junto com os (as) representantes do Programa Escola da Terra, a atividade foi dividida em três fases. A primeira consistiu em roda de conversa a fim construir a proposta com os (as) estudantes. A segunda tratou da Auto-organização dos (das) estudantes em grupos de trabalho: relatoria, marketing e comentários. A terceira foi composta de exposição de material complementar (texto e vídeo sobre Agroecologia) e finalização de memoriais sobre os quais os (as) estudantes (as) foram orientados (as) desde a primeira fase. A ação culminou na elaboração coletiva de conceito de Agroecologia formulado por aquela turma de 9º ano, após os debates e observações que realizaram em casa. Ao longo das conversas, os (as) estudantes eram desafiados (as) a trazerem exemplos de suas vivências em comunidade para ajudar a turma a atingir o êxito na elaboração do conceito histórico.

Resultados

É notório que a construção do conhecimento e compreensão da realidade ocorrem de forma mais evidente quando os (as) estudantes conseguem ver-se como sujeitos da história que estudam na Escola no/do Campo. Em geral, a falta de familiarização com os debates e conceitos implicados na Agroecologia como ciência ofuscou a identificação de saberes que muitos (as) possuíam, mas não sabiam expressar que possuíam devido à carência de reflexões sobre a vivência de práticas cotidianas no ambiente escolar, como parte da teoria que se discute no currículo.

A mesma falta de identificação, somara-se a timidez potencializada pela falta de socialização no ambiente escolar causada pela Pandemia de COVID-19 e necessárias políticas sanitárias de isolamento social. O fato de alguns (as) deles (as) não saberem se identificar como sujeitos do campo que estudam numa Escola do Campo fortaleceu a supracitada lacuna, o que demonstra a desafiadora



necessidade de inserção dos princípios teóricos e metodológicos da Educação do Campo e da Agroecologia na organização do trabalho pedagógico da escola.

As lacunas identificadas na referida ação podem ser enfrentadas com o cumprimento da META 8.25 da Educação do Campo prevista no PDE, que estabelece critérios e prazos para formação específica de todos os profissionais que atuam ou venham a atuar em Escolas do Campo (DISTRITO FEDERAL, 2019, p. 31). Reforçando a formação continuada como um desafio permanente a fim de contribuir com a construção da identidade camponesa dos (das) educadores (as) e dos (das) estudantes e assim avançar na consolidação de um princípio fundamental para a transformação da forma escolar.

Constata-se ainda, em diferentes níveis a presença de práticas agroecológicas na vida dos estudantes do 9º C. Dos depoimentos coletados sob a forma de memorial, é possível verificar a existência de ao menos duas lacunas: uma que aponta a compreensão parcial do conceito de Agroecologia como ciência e prática por parcela da turma do 9º C, mas necessidade de aprofundamento da discussão; noutra parcela (menor) da turma, certa carência de capacidade de relacionarem seu dia-a-dia como parte da noção histórica e científica envolta na categoria Agroecologia, o que se demonstra prejudicial à própria compreensão da ligação entre escola e comunidade.

Parte fundamental da falta de estímulo e domínio de vocabulário pelos (as) estudantes provém das vivências de opressão dos sujeitos, que muitas vezes não são incentivados a valorizarem as próprias práticas culturais e sociais. A falta do trato do tema da Agroecologia e da Educação do Campo como exigência curricular na organização do trabalho da escola contribui para a situação descrita. É neste sentido que evocar as matrizes luta social, história, terra, trabalho, organização coletiva, conhecimento popular e as próprias vivências de opressão (DISTRITO FEDERAL, 2019) torna-se ato imperativo para transformação da forma escolar.

O conceito final proposto pela turma foi “Agroecologia é uma ciência e prática que busca maneiras de usar a terra, a natureza e a tecnologia de modo sustentável para a sociedade, com benefícios como a produção consciente e combate à fome, pensando em aspectos como a agricultura familiar” (9º C, CED PAD DF, 23/05/2022).

Além da elaboração de conceito de Agroecologia a partir daquilo que foi dialogado durante o primeiro bimestre de 2022, os (as) estudantes construíram ainda organogramas (figuras 1 e 2), gráficos e lançaram ideias sobre as práticas Agroecológicas nas comunidades: “A horta aqui em casa tem compostagem, utiliza alimentos como casca de banana, de ovos, restos de legumes...já não usamos agrotóxicos” (Estudante do CED PAD DF, 2022). Alguns deles demonstram uma compreensão mais ampla, integrando valores culturais, a luta social, a defesa da natureza. Que está presente na afirmação de um dos estudantes: “a agroecologia é a interação humana com a natureza e a agricultura, sempre pensando nas suas



consequências para o solo, visando sempre o melhor para a população e para a agricultura” (Estudante do CED PAD DF, 2022).



Figura 1- Roda de conversas com os (as) estudantes

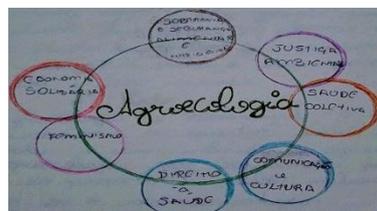


Figura 2 – Organograma construído pelo 9º ano C

É preciso afirmar que essa formulação foi fruto da Auto-Organização estudantil a partir de sua experiência considerando o Trabalho como Princípio Educativo, quando efetivaram a ligação teórica e prática entre os saberes cotidianos e os saberes escolares. O êxito da ação burlou os entraves mencionados ao longo deste relato, demonstrando o potencial transformador do Auto-organização dos (das) estudantes, gerando possibilidades metodológicas não verticais.

Referências bibliográficas

ARROYO, M. G.; CALDART, R. S.; MOLINA, M. C. (org.). **Por uma Educação do Campo**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

CED PAD-DF. **Inventário Social, Histórico e Cultural**. Distrito Federal, 2019/2023.

DISTRITO FEDERAL. **Diretrizes Pedagógicas da Educação Básica do Campo para a rede pública de ensino do Distrito Federal, 2019**. Disponível em: <<https://www.educacao.df.gov.br/wp-content/uploads/2018/01/Diretrizes-Ed-do-Campo-SEEDF.pdf>>. Acesso em junho de 2023.

CALDART, R. S. Desafios à transformação da forma escolar. In: CALDART, R. S. et al. (org.). **Educação do Campo, reflexões e perspectivas**. Florianópolis: Insular, 2010.

_____. **Pedagogia do movimento sem-terra**. São Paulo: Expressão Popular, 2004.

FREITAS, L. C. A Escola Única do Trabalho: explorando os caminhos de sua construção. In: CALDART, R. S.; FETZNER, A. R.; RODRIGUES, R.; FREITAS, L. C. (Orgs.). **Caminhos para transformação da escola 1: Reflexões desde práticas da licenciatura em Educação do Campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2010. p. 155-175.

PISTRAK, M. M. **Fundamentos da escola do trabalho**. Tradução: Luiz Carlos de Freitas. 1ed. São Paulo: Expressão Popular, 2018. 288p.